

ARTIGO

LUCÍA TOSI: GÊNERO, CIÊNCIA E EXÍLIO

CAROLINA QUEIROZ

Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA-UEFS)
e Professora na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
E-mail: carolinaqueiroz@ufrb.edu.br.
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1464-0490>

LETÍCIA DOS SANTOS PEREIRA

Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA-UEFS)
e Professora na Universidade Federal da Bahia (UFBA).
E-mail: leticiapereira@ufba.br.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1696-0869>

INDIANARA SILVA

Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA-UEFS)
e Professora na Universidade Estadual de Feira de Santana.
E-mail: indianara.slima@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2124-6435>

RESUMO: Após o golpe militar de 1964, Lucia Tosi foi uma das muitas cientistas exiladas do Brasil negligenciadas pela historiografia. Durante o exílio na França, Tosi tornou-se uma das fundadoras do *Grupo Latinoamericano de Mujeres en Paris*, colaborando em publicações relacionadas aos estudos de gênero e ciência no boletim *Nosotras*. Neste texto, discutimos a atuação de Lucía Tosi no *Grupo Latinoamericano de Mujeres en Paris* a partir de alguns textos de sua autoria publicados no boletim *Nosotras*, destacando seu olhar sobre as relações de gênero, ciência e política, no contexto do exílio em decorrência da Ditadura Militar no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Lucía Tosi. Gênero e Ciência. Exílio. Ditadura Militar.

LUCÍA TOSI: GENDER, SCIENCE AND EXILE

ABSTRACT: After the 1964 military coup, Lucia Tosi became one of the exiled scientists from Brazil who were neglected by historiography. During her exile in France, Tosi became one of the founders of the Latin American Women's Group in Paris and authored articles on gender studies and science for the Nosotras newsletter. In this text, we discuss Lucía Tosi's role in the Latin American Women's Group in Paris based on some texts published by her in Nosotras newsletter, highlighting her perspective on gender relations, science, and politics during her exile because of the Military Dictatorship in Brazil.

KEYWORDS: Lucía Tosi. Gender and Science. Exile. Military dictatorship.

Recebido em: 26/12/2023

Aprovado em: 29/02/2024

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2024v79p63-90>



Introdução

Meu caro amigo eu bem queria lhe escrever, mas o correio andou arisco, se me permitem, vou tentar lhe remeter, notícias frescas nesse disco. Aqui na terra tão jogando futebol, tem muito samba, muito choro e rock'n'roll. Uns dias chove, noutros dias bate Sol. Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta. Muita mutreta pra levar a situação. Que a gente vai levando de teimoso e de pirraça. E a gente vai tomando que também sem a cachaça. Ninguém segura esse rojão.

Chico Buarque, *Meu Caro Amigo*, 1976.

No Brasil, em 1976, Chico Buarque ousou “mandar notícias” aos amigos exilados da Ditadura Militar por meio da música “Meu caro amigo”, escrita em parceria com Francis Hime. Na Argentina, em 1986, Fernando Solanas revolucionou o cinema político com o musical “Tangos: o exílio de Gardel” que apresentava a “Tanguédia” (tango + tragédia + comédia) vivenciada por um grupo de exilados/as latino-americanos/as em Paris. Tais expressões artísticas caracterizaram, à sua maneira, um período trágico da história da América Latina em que regimes ditatoriais tomaram o poder em vários países, dentre os quais, Brasil e Argentina. Em decorrência da forte repressão política e dos riscos àqueles considerados como subversivos e ameaças à ordem vigente pelos militares, a experiência exilar apresentou-se como única medida possível a ser tomada por políticos, artistas, cientistas e tantos outros cassados e perseguidos pelos regimes ditatoriais.

É nesse contexto de Tanguédia que vozes de mulheres brasileiras e latino-americanas exiladas se levantaram reivindicando direitos, sendo subversivas e criando redes internacionais, mesmo quando os “correios andavam ariscos”. Em uma mistura de samba, muito choro, *rock'n'roll* e tango, as participantes do *Grupo Latinoamericano de Mujeres en Paris* encontraram umas nas outras o sentimento de pertencimento e a coragem para lutar por todas “*Nosotras*”, mesmo fora de seus países.

O *Grupo Latinoamericano de Mujeres en Paris*, organizado inicialmente pela pedagoga e ativista feminista brasileira Danda Prado, visava reunir principalmente mulheres brasileiras que, por algum motivo – na maioria das vezes, político – viviam em Paris. O grupo acabou acolhendo mulheres de outros países da América Latina e estabelecendo-se para discutir

questões sobre gênero e agendas políticas latino-americanas, o que resultou na publicação do boletim *Nosotras* (Rosa, 2001; Pedro; Wolff, 2007. Abreu, 2010).

Dentre estas mulheres, destaca-se as contribuições de Lucía Tosi (1917-2007), uma química argentina e naturalizada brasileira que, em decorrência do golpe militar de 1964, se exilou do Brasil, fugindo da violência e ameaças contra seu marido, o economista Celso Furtado. Primeiramente, Lucía Tosi, Celso Furtado e seus filhos foram para os Estados Unidos e, posteriormente, em 1966, a família se mudou para Paris, na França, onde passam todo o período restante do exílio. Nos quase vinte anos em que viveu em Paris, Lucía Tosi acompanhou a efervescência do movimento feminista francês que emergiu nos anos de 1960 e se engajou com outras mulheres latino-americanas na luta por igualdade de gênero. Foi uma das fundadoras do *Grupo Latinoamericano de Mujeres en Paris*, contribuindo intensamente para a edição de *Nosotras*, através da redação de textos, mas também por meio da participação na impressão quase artesanal da revista, possuindo alguns textos autorais publicados no periódico (Abreu, 2013; Beraldo, 2014).

Esse período é marcado pelo fenômeno conhecido como *brain drain* (fuga de cérebros), o qual foi caracterizado por Azevedo (1968) ao descrever a grande massa intelectual brasileira que partiu para o exílio após o Golpe Civil Militar de 1964. Em 1980, o livro *Memórias das mulheres no exílio*, organizado por Albertina de Oliveira Costa e demais colaboradoras, já denunciava o caráter periférico atribuído à história das mulheres intelectuais que foram exiladas, as quais eram tratadas como meras acompanhantes de esposos e familiares homens. O caso de Lucía Tosi se encaixa nessa crítica, dado o contraste entre as diversas pesquisas e fontes que tratam do exílio de Celso Furtado, esposo de Lucía Tosi durante o período em questão e as raras menções à Lucía Tosi em pesquisas e documentos oficiais.¹

No caso específico da história da ciência, a literatura aponta que há poucas pesquisas explorando os aspectos históricos desse período (Vieira; Videira, 2007). Alguns trabalhos como os de Freire Jr. (2007), Clemente (2005), Freire Jr, Videira e Ribeiro (2009) e Motta (2014) se empenharam em estudar

¹ Nesse sentido, não questionamos a importância de Celso Furtado na história do Brasil e no comentário não queremos equiparar a expressividade de Celso e de Lucía, sendo nossa intenção apenas traçar um paralelo entre ambos.

os avanços e retrocessos das ciências após o golpe de 1964, contudo nenhum dos estudos mapeados aborda os estudos de Gênero e Ciência ou as opressões de gênero inerentes às mulheres cientistas exiladas.

Quanto a textos que investigam as contribuições de Lucía Tosi, três trabalhos foram localizados: Melo (2014) apresenta um verbete sobre a cientista no projeto Pioneiras no CNPQ, Baran (2017) faz uma homenagem curta em espanhol para um evento da Universidade de Buenos Aires, e Beraldo (2014) é a única que explora com mais detalhamento a trajetória de Lucía. Todavia, nenhum dos estudos mapeados aborda os estudos de Gênero e Ciência ou a relação entre o trabalho de Lucía Tosi e sua vivência no exílio.

Em decorrência de sua formação em química, e seu interesse pelo movimento feminista, Lucía Tosi se tornou uma das pioneiras nos estudos de gênero e ciência, bem como no estudo da história das mulheres nas ciências na América Latina (Beraldo, 2014). Ainda na década de 1970, quando as relações de gênero e ciência eram pouco exploradas, até mesmo pelas feministas norte-americanas - a terminologia “Gênero e ciência” foi utilizada pela primeira vez em um artigo publicado por Evelyn Fox Keller em 1978, sendo considerado um dos marcos para a estruturação da agenda feminista nas ciências da natureza - Lucía Tosi publicou textos de relevância na área, como “*La creatividad femenina en la ciencia*” na revista *Impacto, Ciencia y Sociedad* (1975) e “Cripto-domésticas, interlocutoras inteligentes ou criadoras?” nos Ensaios de Opinião (1979), nos quais ela analisou principalmente as carreiras de mulheres nas ciências.

Seu ativismo político não se limitava às questões das mulheres, sendo bastante preocupada com as opressões políticas vivenciadas pelos países latino-americanos, naquele contexto. Mesmo na França, acompanhava os desdobramentos econômicos e políticos da situação na América Latina nos anos 1970, em que não só o Brasil, mas muitos países eram governados por regimes militares ditatoriais. Publicou, em 1973, uma carta na revista *Science*, na qual, de acordo com Beraldo (2014, p. 556), “faz pesadas críticas aos intelectuais americanos que defendiam o sistema econômico em países governados por militares”.

Neste artigo,² discutimos a atuação de Lucía Tosi no *Grupo Latinoamericano de Mujeres en Paris* a partir de alguns textos de sua autoria publicados no boletim *Nosotras*, destacando seu olhar sobre as relações de gênero, ciência e política no contexto do exílio em decorrência da Ditadura Militar no Brasil. Utilizamos como fonte de pesquisa os arquivos do periódico *Nosotras*, em posse do Centro Informação Mulher (CIM), dos quais tivemos acesso a aproximadamente 20 edições do Boletim disponibilizadas em formato digital, e o arquivo pessoal da cientista Lucía Tosi em posse da sua família, contendo, manuscritos, artigos e revistas, disponibilizado para a nossa consulta na cidade de Campinas, em 2022, por André Tosi Furtado, filho de Lucía Tosi.

Portanto, a fim de cumprir com o objetivo proposto, este artigo divide-se em três seções, sendo elas: 1. “Sobre Lucía Tosi” onde apresentamos a cientista que é protagonista da história narrada no texto, trazendo brevemente alguns aspectos biográficos; 2. “O *Grupo Latinoamericano de Mujeres en Paris* e o Boletim *Nosotras*” que aborda o contexto de criação do grupo bem como os propósitos envolvidos na publicação do Boletim *Nosotras*. 3. “Lucía Tosi e o Boletim *Nosotras*” em que discutimos algumas publicações da Lucía Tosi no Boletim. Por fim, por meio das publicações discutidas, percebemos que a participação de Lucía Tosi no *Grupo Latinoamericano de Mujeres en Paris*, durante o exílio em Paris, foi um grande propulsor para que ela se interessasse pelos diálogos entre gênero e ciência e se tornasse uma importante referência dos estudos sobre Gênero e Ciência a partir de uma perspectiva feminista latino-americana.

Sobre Lucía Tosi

Lucía Piave Tosi (figura 1), nasceu em 20 de dezembro de 1917, na cidade de Buenos Aires, Argentina. Filha de Luís Tosi e Eurosia Briarava, ela graduou-se em Química pela Faculdade de Ciências Exatas, Físicas e Naturais da Universidade de Buenos Aires em 1942. Nesta mesma universidade ela desenvolveu seu trabalho de doutoramento sobre eletroquímica, tendo obtido o título de doutora em Química em 1945. Além disso, trabalhou como

² Derivado da tese de doutorado da primeira autora.

professora assistente nessa mesma universidade e como analista no Laboratório de Análises da Cidade de Buenos Aires. Casou-se com o também professor da Universidade de Buenos Aires, Heberto Alfonso Puente com quem teve seu primeiro filho, Juan Cristobal Puente, nascido em 1946 (Beraldo, 2014).

Entre os anos de 1947 e 1948, Lucía realizou um pós-doutorado como bolsista do governo francês no Laboratório de Eletroquímica da Universidade de Sorbonne em Paris. Foi durante essa viagem que Lucía conheceu o economista brasileiro Celso Monteiro Furtado, na época realizando seu doutorado em Economia também na Universidade de Sorbonne. Lucía Tosi e Celso Furtado se casaram em 1948 e desse relacionamento a cientista teve mais dois filhos: Mario Tosi Furtado (1949) e André Tosi Furtado (1954) (Beraldo, 2014).

Figura 1. Lucía Tosi no 5º Colóquio de História da Ciência " A Ciência no Século das Luzes " Vinhedo, São Paulo, (1989).



Fonte: Beraldo, 2013.

Devido ao seu relacionamento com Celso, a cientista passa a ter uma relação íntima com o Brasil, naturalizando-se brasileira (Beraldo, 2014; Baran, 2017). Lucía Tosi trabalhou em inúmeras universidades e laboratórios de química, tais como o Laboratório de Química do Departamento de Produção Mineral do Rio de Janeiro (1950); a Faculdade de Química e Farmácia da Universidade do Chile, em Santiago (1952); o Instituto Nacional de Tecnologia,

no Rio de Janeiro (1954); a Universidade de Cambridge, na Inglaterra (1958); a Universidade Federal de Pernambuco, em Recife (1959) e o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF) (1960-1964), no Rio de Janeiro (Beraldo, 2014).

Em decorrência do golpe militar de 1964, Celso Furtado, que apareceu na primeira lista de políticos cassados, se exilou para Santiago, no Chile, devido a um convite para atuar no Instituto Latino-Americano para Estudos de Desenvolvimento (Ildes), instituição ligada à Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal). Todavia, Celso ficou pouco tempo em Santiago, se exilando nos Estados Unidos, o que levou Lucía e seus filhos a também se mudarem de país. Nos Estados Unidos, em 1965, Lucía Tosi inicia um estágio de pós-doutoramento no *Sterling Chemistry Laboratory* da Universidade de Yale. Contudo, em 1966, Celso e sua família se mudam para Paris na França, onde passam todo o período restante do exílio (Beraldo, 2014).

Durante seu exílio na França, trabalhando no então *Laboratoire de Recherches Physiques* (LRP) da Universidade Paris VI, Lucía Tosi se tornou especialista em espectroscopia vibracional e, em especial, espectroscopia Raman. Nesse período, a cientista desenvolveu inúmeros trabalhos, os quais destacam-se seus estudos de espectros vibracionais do nitroprussiato de sódio e de vários outros complexos metálicos. A partir dos anos 1970, iniciou pesquisa na área de Química Bioinorgânica, tendo publicado inicialmente trabalhos a respeito de complexos de cobre com aminoácidos. No final dos anos 1970, passou a se interessar pela Química de Metaloproteínas. Publicou, em parceria com a química Arlette Garnier-Suillerot, também pesquisadora do CNRS, estudos sobre as enzimas ceruloplasmina, aspartato oxidase, clupeína Z, ferroxidase, lacase e estelacianina (Beraldo, 2014). A partir de 1976, Lucía passa a ocupar a função de *Chargée de recherches* no CNRS, um cargo de alto prestígio na França (que poderia ser comparado no Brasil a ocupar uma Diretoria no CNPq), o que fez essa cientista ganhar maior estabilidade e respaldo acadêmico, e que a permitiu orientar mais alunos, inclusive brasileiros, que vinham fazer doutorado na França.

É nesse período que Lucía foi convidada a participar de grupos de autoconsciência que se formavam na época, em especial o Grupo *Latinoamericano de Mujeres en Paris*, do qual se torna uma de suas fundadoras. O grupo tinha por finalidade reunir mulheres latino-americanas que viviam na Europa, a grande maioria exiladas pelas ditaduras militares que

afligiam os países da América Latina. Além de reuniões periódicas para leitura e discussão de textos sobre o feminismo, o grupo fundou o boletim *Nosotras*, publicação que veiculava ensaios e textos que denunciavam e refletiam sobre a discriminação, exploração e obstáculos impostos às mulheres em diferentes países assim como suas lutas por direitos sociais. Lucía colaborou com a escrita de textos para publicação neste boletim, além de colaborar na edição e impressão dos exemplares que eram distribuídos não apenas Europa, mas também para a América Latina (Rosa, 2001, Pedro; Wolff, 2007; Abreu, 2010; Abreu, 2013).

Lucía Tosi passou quase vinte anos vivendo em Paris. Na década de 1970, ela se divorciou de Celso Furtado, que retornou ao Brasil em 1979 após a promulgação da Lei da Anistia. Cinco anos mais tarde, em 1984, Lucía também retornou ao país, se tornando professora visitante do Departamento de Química da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) onde ficou até 1988. É nesse período que Lucía Tosi passa a refletir sobre a situação das mulheres cientistas no Brasil e publica algumas pesquisas relacionadas às questões de gênero nas ciências e a história das mulheres nas ciências e periódicos brasileiros. Destacamos os textos “A mulher brasileira, a universidade e a pesquisa científica” publicado em 1981 na revista *Ciência e Cultura*, e na área de história das ciências os textos “Caça às bruxas: o saber das mulheres como obra do diabo” e “As mulheres e a ciência: sábias, bruxas ou sabichonas?” publicados nas revistas *Ciência Hoje* e *Impressões*, respectivamente.

Mesmo após a sua aposentadoria, nos anos 1990, Lucia Tosi permanece com importantes pesquisas relacionadas a área de gênero e ciência, publicando artigos de opinião a respeito do tema em periódicos como *Ciência Hoje*, além de pesquisas acadêmicas em periódicos conceituados como *Estudos Feministas* (“Resgatando Metis O Que foi Feito desse Saber?”, 1996, em co-autoria com sua orientanda Adelina Santos), *Química Nova* (“Marie Meurdrac, Química Paracelsiana e Feminista do Século XVII”, 1996), e *Cadernos pagu* (“Mulher e Ciência: a revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna”, 1998).

Lucia Tosi foi homenageada por Margaret Lopes na edição especial dos *Cadernos pagu* em 2006 intitulada “Gênero na Ciência”, sendo reconhecida como pioneira na área. Também foi homenageada por Ângela Maria Freire de Lima e Souza na edição especial de mesmo título publicada pela revista

Feminismos. Ela também foi um dos nomes escolhidos para compor o projeto do CNPq, *Pioneiras da Ciência no Brasil*, tendo sua biografia apresentada por Hildete Pereira de Melo, que a caracterizou como sendo “química e feminista”. Lucía Tosi faleceu no dia 27 de fevereiro de 2007, aos 89 anos, deixando uma vasta contribuição para os estudos de gênero e ciência.

O Grupo Latinoamericano De Mujeres En Paris e o Boletim Nosotras

A partir de 1964, o Brasil enfrentou a maior onda repressiva de sua história recente, adentrando na ditadura militar, momento histórico que durou 21 anos e deixou fortes marcas na memória social e política brasileira. Em uma das primeiras medidas do governo antidemocrático, o Ato Institucional Número 1 (AI-1) foi assinado em 9 de abril de 1964 pela junta militar, autodenominada Comando Supremo da Revolução, composta pelo general do exército Artur da Costa e Silva (1899-1969), tenente-brigadeiro Francisco de Assis Correia de Melo (1903-1971) e vice-almirante Augusto Hamann Rademaker Grünewald (1905-1985), que também eram ministros de Ranieri Mazzilli (1910 -1975) e que exerciam o poder durante o segundo período de Ranieri na presidência. O Ato foi redigido por Francisco Campos (1891-1968), seu objetivo era afastar qualquer forma de oposição e legitimar o regime. Ficaram suspensos por dez anos os direitos políticos de todos os cidadãos vistos como opositores ao regime, dentre eles congressistas, militares e governadores. A partir desse período até a retomada da democracia, houve forte repressão aos opositores do regime, com perseguição política, privação da liberdade, censura, violência, tortura e exílio (Gaspari, 2014; Schwarcz; Starling, 2015).

Cabe lembrar que durante a primeira metade da década de 1960, o *brain drain* (fuga de cérebros) já era um fenômeno crescente, porém silencioso, tanto no Brasil quanto em outros países latino-americanos (Fernández, 2019). No entanto, o golpe militar, contando com listas de cassados e atos de repressão em universidades e centros de pesquisa, causou perdas irreparáveis em nível nacional e internacional, atingindo cientistas, professores, estudantes e políticos. O fenômeno do êxodo profissional, com contornos de exílio para alguns mais politizados, não podia mais ser negado e

avançava cada vez mais. Com o exílio, a evasão de cérebros perdeu o caráter silencioso descrito por Fernández (2019) e ganhou nuances de denúncia e preocupação social. Apesar disso, a negligência às relações de gênero ao analisar a evasão de cérebros no Brasil fez com que parte dessa história se mantivesse silenciosa – ou silenciada.

Na década de 1960, havia um quantitativo significativo de mulheres acadêmicas, a maioria delas brancas e de classe média ou alta (BLAY, 2019). Muitas dessas mulheres viveram a experiência do exílio, ora por consequência de suas próprias reivindicações, ora por serem familiares de homens cassados pelo regime. Outras ainda buscaram o autoexílio. O Brasil perdeu grandes mulheres intelectuais no período, e algumas construíram carreira em outros países e não mais retornaram. O silenciamento historiográfico e sociológico subjacente a essas mulheres enquanto sujeitos que construíram o Brasil, tratando a saída delas do país apenas como um apêndice, quando não retirado por completo das narrativas históricas, limita a compreensão do que foi o *brain drain* nos contornos do exílio.

Blay (2019) pondera que no exílio as vivências femininas e masculinas tiveram diferentes caminhos. Segundo a autora, alguns homens conseguiram ocupar cargos importantes em universidades e jornais dos países que lhe deram exílio. Mas, apesar disso, a maior parte dos homens se dedicavam, mesmo que utopicamente, a uma reorganização partidária. Por outro lado, muitas das mulheres precisavam garantir a sobrevivência financeira do grupo familiar, além de militarem para a sobrevivência física dos novos exilados, arranjando moradia, alimentação e cuidados com as crianças. Muitas delas, mesmo tendo formação acadêmica, não conseguiram ocupar cargos como seus companheiros. Outras, como foi o caso da Lucía Tosi, conseguiram não só os cargos almejados, como construíram uma grande carreira em solo estrangeiro (Blay, 2019; Abreu, 2013).

É relevante entender que as décadas de 1960 e 1970 são marcadas por novas inquietações feministas, que caracterizam a chamada segunda onda feminista, que se dividia entre concepções essencialistas e universalistas sobre o “nós” que representava os diversos movimentos emergentes. Apesar das pautas comuns ao redor do globo, as aspirações de luta das mulheres emergiram de forma dicotômica em diferentes contextos. Assim, as

demandas percebidas pelas mulheres latino-americanas eram diversas e dicotômicas às agendas dos países europeus que lhes oportunizaram o exílio.

Em Paris, mulheres exiladas de vários países latinos reuniram-se para formar o *Grupo Latinoamericano de Mujeres em Paris*. Segundo Abreu (2010) esse foi um dos primeiros grupos de autoconsciência formados para debater o feminismo em uma perspectiva latino-americana promovendo leituras de textos feministas, debates, projeções de filmes, e colaborando para integração e formação de grupos de mulheres latino-americanas que se encontravam, exiladas ou não, em diversos países ao redor do globo. Dentre as intelectuais que participaram do grupo, destacam-se nomes como Danda Prado, Mariza Figueiredo, Lucia Tosi, Naty Guadilla, Clélia Pisa, Giovana Machado, Mireya Gutierrez, dentre outras. Além destas, mulheres intelectuais que se encontravam no Brasil, como, Eva Blay, que se tornou referência em pensar o feminismo no Brasil, correspondia-se com o Grupo, por meio do Boletim *Nosotras*.

Acreditamos que, para compreender a construção da identidade do *Grupo Latinoamericano de Mujeres em Paris*, é essencial tomar como paralelo o que se estava em questão quando se tratava de feminismo na América Latina/Brasil e na França, durante a década de 1960 e 1970.

Na América Latina, o termo “feminismo” parecia estar, nos anos 1960, fortemente atrelado à ideia de um movimento burguês. Entre mulheres de esquerda, o termo não era comumente utilizado. As mulheres vinculadas ao Partido Comunista Brasileiro, que faziam o “trabalho feminino” nos anos 1940-1950, também não se identificavam como feministas. Além disso, havia a ideia de que o feminismo seria inapropriado para a realidade brasileira, marcada por problemas mais urgentes a resolver, e sofrer com estereótipos, tais como ser um movimento de lésbicas (Abreu, 2010).

Blay e Avelar (2019), destacam que os países latino-americanos que vivenciaram regimes totalitários, antes do aprofundamento teórico atrelado ao feminismo, havia uma tarefa urgente de reconquista da democracia. Nesse sentido, essa passou a ser uma tarefa primordial, mesmo que não exclusiva, das feministas latino-americanas e brasileiras, priorizando-se a luta democrática feminista.

Durante a década de 1970, um intenso movimento aglutinador de mulheres passou a demandar a anistia dos presos políticos e o retorno dos

exilados. Altamente politizado, o Movimento Feminino pela Anistia, liderado por Therezinha Zerbini, se espalhou pelo país. Esse movimento tornou-se um precursor do Movimento Nacional pela Anistia, de 1979, sendo um marco simbólico e concreto para o retorno da democracia. Os movimentos das mulheres pela anistia repercutiram por toda a América Latina, a exemplo da Manifestação das Mães da Praça de Maio (em espanhol, *Asociación Madres de la Plaza de Mayo*).

Segundo Costa (2010), três aspectos foram fundamentais na gênese do movimento feminista brasileiro nos anos 1970 e 1980: a luta contra o autoritarismo em um cenário de modernização econômica e cultural, a elevação do número de mulheres na força de trabalho e no nível educacional, e a proximidade com movimento feminista internacional. Quanto ao último aspecto, percebemos que o contato de mulheres exiladas com outras perspectivas feministas foi essencial para a criação de uma real agenda feminista latino-americana.

Simultaneamente, na França, o maio de 1968 representou uma mudança paradigmática impondo novas formas de pensar o lócus social. No entanto, segundo Abreu (2010), a “questão feminina” apareceu apenas de forma periférica nesse contexto. Para Zancarini-Fournel (2002), mesmo que a consciência das identidades de gênero não tenha sido afirmada publicamente senão depois de 1968, a questão das relações políticas de gênero estava emergindo nesses protestos.

Em 1970, nasceu o *Mouvement de liberation des femmes (MLF)*, que segundo Picq (1994), surge a partir da relação entre a obra de Beauvoir e o marxismo. Para François Dosse (2021), *O segundo sexo* de Simone de Beauvoir foi um livro-acontecimento, marcando uma geração inteira de mulheres e caindo como um aerólito em uma França destruída pelas guerras, marcada por medidas para incentivar famílias numerosas e manter as mulheres no lar, engendrando o famoso *Baby Boom*. Quanto ao marxismo, este foi o principal referencial teórico dos revolucionários de maio de 68, e se tornou também quadro teórico de grupos de militantes do MLF, que utilizavam alguns autores desse universo intelectual para validar suas lutas, dentre os quais Frantz Fanon, August Bebel, Friedrich Engels, além do coletivo formado pelo movimento *Black Power*. Estes autores inspiraram a ideia de coletividade e o sentimento de revolução, tornando-se forte referência para os debates a

respeito do trabalho doméstico, que foi uma das primeiras pautas a unificar a luta das mulheres (Abreu, 2010).

O MLF partiu do princípio de que só o oprimido poderia analisar e teorizar sua própria opressão e, conseqüentemente, escolher os meios de luta. A teoria seria um resultado da experiência coletiva das mulheres. Assim, as publicações do grupo eram geralmente realizadas no coletivo, pois buscava-se falar em nome de todas as mulheres (PICQ, 1994). Além disso, o movimento era exclusivamente de mulheres de modo que homens não eram aceitos em reuniões dos grupos.

Nesse contexto, se tornou frequente o desenvolvimento de grupos de autoconsciência ou reflexão como instrumento de politização do privado, conhecidos como *consciousness-raising groups*, nos EUA. Estes eram pequenos grupos que partiam das experiências pessoais e cotidianas das mulheres, tendo como objetivo levá-las à percepção de uma opressão comum e à criação de uma identidade que superasse as suas “experiências atomizadas e fragmentárias” (Pedro; Wolff, 2007).

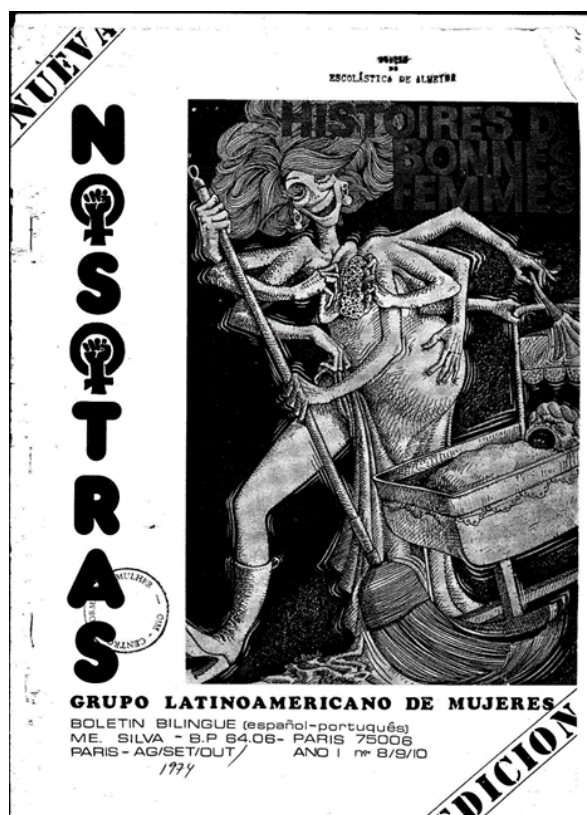
Aparentemente, o *Grupo Latinoamericano de Mujeres em Paris* surge inicialmente com um grupo de autoconsciência organizado por Danda Prado e que visava reunir especialmente mulheres latino-americanas que viviam no exílio. Apesar de fortemente influenciadas pelas reivindicações do MLF, estas mulheres estavam muito mais interessadas em compreender a identidade que as mulheres latino-americanas possuíam enquanto “nosotras”. Destaca-se isso no trecho da fala de Danda Prado:

Eu fiquei muito espantada quando cheguei em Paris, porque eu, até então, só tinha participado de grupos políticos, nunca tinha atuado em grupos de mulheres. No Brasil, não existiam grupos de mulheres. E quando eu cheguei na França, em 1970, em todo canto eu via uns cartazes estranhos, às vezes escritos à mão dizendo REUNIÃO DE MULHERES. Como não consegui descobrir o endereço dos encontros, acabei pedindo informações para Simone de Beauvoir (que eu conheci durante visita dela ao Brasil). Ela me disse que achava a minha visão de mundo muito esquerdizante e radical e que eu não ia me entender bem com as francesas. Então ela sugeriu arranjar uma moça que já tinha estado em Cuba, e que provavelmente teria um contato que se adequaria melhor às minhas ideias [Entrevista concedida a Maíra Abreu em 2010].

O Boletim *Nosotras* (Figura 2), foi proposto pelo Grupo como um espaço de socialização de discussões e divulgação de opiniões, mas logo passou a se

apresentar como um motivador da luta das mulheres, propondo temas de debates e formas de ação, tornando-se um laço que ligava vários movimentos de mulheres da América Latina, permitindo que diversos grupos se comunicassem por meio das páginas do Boletim. Os primeiros textos eram datilografados, mimeografados e depois grampeados. Todo o processo de publicação era realizado pelas próprias mulheres que formavam o grupo, sem contar com nenhum financiamento, de modo que a produção dependia de sua venda. Entre 1974 e 1976, foram publicadas 17 edições do boletim bilíngue (português e espanhol) contendo, textos escritos pelas próprias integrantes do grupo, traduções e/ou reprodução de textos já publicados e contribuições de leitoras e de grupos feministas de diferentes países (Rosa, 2001, Pedro; Wolff, 2007. Abreu, 2010).

Figura 2 - Capa da revista NOSOTRAS (1974).



Fonte. Centro Informação Mulher (CIM).

O *Grupo Latinoamericano de mujeres en Paris* levou muitas mulheres a se tornarem feministas, dentre elas, destacamos o relato de Maricota da Silva, na coletânea de depoimentos “Memórias das mulheres do exílio”, em

que narrou como constituiu uma identidade como mulher nessas reuniões promovidas por Danda Prado: “Para mim uma experiência muito importante no exílio, certamente eu não a teria vivido no Brasil, foi o grupo de mulheres da América Latina, organizado por Danda Prado. (...) o que interessava fundamentalmente era ver como nós éramos parecidas[...]” (Silva, 1980, p. 32). Assim, questões sobre o que seria o feminismo, sobre a validade de suas propostas, particularmente em países subdesenvolvidos, além de questionamentos sobre a possibilidade de se articular uma luta a partir de “algo comum”, foram recorrentes para muitas mulheres que tomaram contato com o feminismo nesse contexto. Pode-se perceber isso no trecho a seguir:

Tudo aconteceu como se fôssemos uma bola de neve: duas ou três mulheres latino-americanas escrevendo suas teses de doutorado sobre mulheres. Nos deparamos pela primeira vez com as seguintes perguntas: por que as feministas francesas pensam isso? O que significa feminismo? O feminismo é um movimento que faria sentido apenas em um país industrializado? O que é comum ou diferente entre as mulheres mexicanas, venezuelanas, argentinas, brasileiras, francesas? (Editorial, 1974, p. 1, tradução nossa).

Apesar do reconhecimento do papel do MLF, a relação do grupo com esse movimento não se configurou como uma assimilação acrítica e descontextualizada. Ao contrário, o tema da especificidade latino-americana se impôs desde o princípio. Nesse sentido, segundo Abreu (2013), o “nosotras” do qual falava o grupo era um “nós mulheres”, mas tratava-se principalmente de um “nós mulheres latino-americanas”. Para o grupo, a elaboração de uma teoria feminista latino-americana deveria ser uma tarefa dos grupos feministas no nosso continente, pois, assim como cabe à mulher, e não ao homem, a determinação de seu próprio combate, cabe às mulheres de cada país a determinação do caráter específico/geral de sua luta. Dadas as condições históricas e culturais da América Latina, como o próprio contexto da necessidade de retomada da democracia já apontava, as estratégias para superar o machismo seriam muito diferentes da mulher europeia e norte-americana.

Lucía Tosi e o Boletim Nosotras

No trecho abaixo, publicado como prefácio do livro “Lucía Tosi: A mulher e a História da ciência” organizado pelo seu filho Mário Tosi Furtado (2014), Lucía relata como ocorreu o seu interesse por temáticas feministas:

[...] em 1975, por ocasião do ano da mulher, que tendo recebido um convite de Jacques Richardson, diretor da revista da Unesco, *Impact, Science et Société*; para participar em número da mesma sobre o tema: “A ciência, um mundo masculino?”, senti-me profundamente motivada e escrevi meu artigo sobre criatividade científica da mulher. Até essa data só havia tido experiência como autora de trabalhos científicos e foi para mim uma verdadeira revelação tomar consciência das possibilidades que me oferecia essa revista para expor minhas reflexões sobre minha própria vivência de mulher e de cientista. Eu já tinha feito muitas leituras, assistido a alguns seminários e **participado com outras mulheres latino-americanas do grupo organizado por Danda Prado em Paris**. No entanto, o que mais contava para mim era a convicção de ter sido feminista desde meus anos de estudante, e a certeza de não ter podido, mas também de não ter sabido exprimir minhas ideias. Falta de coragem? Não creio, sempre que tinha ocasião de falar o fazia com convicção. Acredito que era só falta de oportunidade (Tosi, 1998 *apud* Furtado, 2014, p. 17 grifos nossos).

Lucía Tosi convicta de ter sido feminista desde a juventude lutou por espaços diversos para ecoar seu ponto de vista político e feminista na ciência, publicando em importantes periódicos nacionais, por exemplo, *Cadernos Pagu* (Tosi, 1998), e internacionais, por exemplo, na revista *Impacto, Ciencia y Sociedad* (Tosi, 1975). Em momento anterior, sua participação no *Grupo Latinoamericano de Mujeres en Paris* lhe proporcionou o primeiro espaço de debate e de escrita feminista por meio das páginas do *Boletim Nosotras*. Em situação de exílio, Lucía Tosi uniu-se a outras mulheres que se encontravam insatisfeitas com a situação das mulheres – em especial das mulheres latino-americanas, que vivenciavam situações cada vez mais desiguais diante do cenário autoritário que se instaurou em seus países de origem em decorrência de golpes militares.

Diante disso, nos parágrafos a seguir apresentamos e discutimos alguns textos publicados por Lucía no periódico *Nosotras* em que a cientista trata de política, ciência e feminismo. Os textos selecionados são: *El Sexo cuyo talento es malbaratado* publicado no número 4, de 1974a; *“La vocación ‘natural’ de la mujer”*, publicado no número 6, de 1974b; *“El Movimiento*

Feminista y su Impacto” publicado no número 15, em 1975a; “*La participación de la Mujer em la Actividad Económica*” publicado nos números 16/17/18, de 1975b.

Buscando desconstruir mitos científicos sobre a diferença entre os sexos, na quarta edição de *Nosotras*, em 1974, Lucía publica o texto “*El Sexo cuyo talento es malbaratado*”, afirmando que um mito utilizado para condicionar as mulheres em situação de dependência tem sido sua suposta menor capacidade intelectual. Nesse sentido, a autora destacou duas manifestações do mito: a crença de que a mulher tem uma capacidade intelectual inferior à dos homens e o discurso de que ambos possuem a mesma capacidade, mas que a “inteligência feminina” teria características próprias que as distinguem da masculina. No segundo caso, a mulher, por exemplo, teria menos espírito analítico e estaria menos preparada para o pensamento abstrato.

Lucía Tosi (1974a) criticou tais considerações afirmando serem mais uma estratégia para manter as mulheres em atividades que implicam menor criatividade. Segundo a autora, até então, poucos estudos sérios tratavam de diferenças “naturais” do funcionamento intelectual de ambos os sexos, já que, na maioria dos casos, era muito difícil diferenciar o que corresponde a bagagem de cada sexo e o que corresponde a educação e condicionamento social. Ela afirmou que tal enigma estava longe de ser solucionado, mas que o avanço dos estudos impossibilitava a existência de uma superioridade masculina.

Ela seguiu explicando que, desde criança, meninos e meninas, são estimulados de maneiras diferentes e preparados para desempenhar certos modelos pré-estabelecidos pela sociedade. Segundo Lucía, em idade pré-escolar, as meninas mostram, em média, um maior índice de inteligência que os meninos, possuindo maior habilidade verbal e aprendendo a fazer contas mais rapidamente, enquanto os meninos têm mais habilidade espacial. No entanto, isso se modifica rapidamente uma vez que entram na escola e, se observa que, em geral, os meninos vão sobressaindo. Contudo, as meninas continuam sobressaindo-se em gramática e capacidade verbal e, em termos gerais, obtêm melhores notas que os meninos (Tosi, 1974a).

Para Lucía, o sexo desempenhava um papel na “comédia humana”. Nesse sentido, exemplifica que os meninos bons alunos são mais

considerados pelos seus colegas, enquanto as meninas boas alunas são consideradas “sabichonas”. Além disso, ela aponta que era comum as meninas não quererem parecer muito inteligentes para não afastar os representantes do sexo oposto. Sendo assim, durante a adolescência, as mulheres tendiam a desenvolver atributos para seduzir o sexo oposto e a intelectualidade não seria uma dessas características. No ensino secundário, se iniciava o desenvolvimento das supostas habilidades femininas, que seriam distintas do pensamento analítico, da produtividade e da inteligência atribuída aos homens, de modo que meninos considerados menos inteligentes eram considerados possuidores de características femininas e, meninas mais inteligentes, consideradas masculinas (Tosi, 1974a).

Tosi (1974a) conclui o texto apresentando um estudo desenvolvido por Torman (1970) sobre a atividade criadora, em que se investigou psicologicamente a genialidade de uma população escolar de 250.000 crianças, sendo selecionados dentre 5 a 6 mil crianças com os coeficientes intelectuais mais elevados, de modo a acompanhar suas atividades criativas durante vinte anos. De acordo com o estudo, após finalizar a pesquisa, uma grande parte das mulheres gostaria de competir com os homens no mundo do trabalho. Porém, depois do casamento, acabavam se dedicando às tarefas domésticas e só, excepcionalmente, buscavam outra saída para o seu talento. Assim, as mulheres que potencialmente poderiam ser poetisas, advogadas, médicas e cientistas, comumente abandonavam a ambição profissional para dedicar-se ao lar, família e filhos. Para Lucía, esta dedicação exclusiva da mulher às tarefas do lar privava a arte e a ciência da genialidade delas. Desse modo, o estudo revela que essa diferença entre os sexos se deve mais a falta de motivação e oportunidades do que a ausência de qualidades.

Em outro texto, intitulado “*La vocación ‘natural’ de la mujer*”, Lucía critica o argumento que afirma que a mulher estaria naturalmente dotada para encarregar-se do cuidado da casa e das crianças devido ao fato de carregar em seu ventre o óvulo fecundado e dar à luz. Lucía argumenta que, no entanto, não existe nenhuma relação de causa e efeito entre gestar uma criança e os afazeres domésticos. Logo, a forma de divisão do trabalho, em que os homens têm suas ocupações fora do lar e as mulheres trabalham em casa, foi ditada por razões de sobrevivência. Lucía argumentava que quando as primeiras civilizações começaram a viver em casas, essa divisão pode ter

colaborado para proteção das crianças e crescimento da população. Porém, este não seria mais um argumento válido, afirmando que tal divisão não permite que as mulheres alcancem a mesma importância que os homens no consenso social e que se os homens passassem a desempenhar as atividades "femininas", também se sentiriam menosprezados.

Lucía Tosi (1974b) continua afirmando que, no mundo atual, tanto nas sociedades capitalistas como nas sociedades socialistas, a mulher continuava dedicando grande parte de suas energias às tarefas de dona de casa. Seja ela, operária ou profissional, estava condicionada a realizar dois tipos de trabalho: um na fábrica, escola, ou empresa, ou qualquer outro espaço fora do seu lar, chamado de "visível" e o outro "invisível" em sua casa. Sendo que este último não é remunerado e, além disso, é realizado até mesmo aos domingos e feriados.

A autora teceu críticas ao sentimento de culpa que permeia as mulheres que escolheram exercer essa dupla jornada, apontando que a mística em torno da maternidade e do cuidado com os filhos pode paralisar as mulheres, fazendo-as abdicar de ocupações para quais teriam disposição e talento. Lucía Tosi (1974b) concluiu afirmando que será muito difícil levar os homens a compartilharem as "amenidades" dos cuidados com a casa e com os filhos, porém, somente quando tais tarefas forem realizadas indistintamente por homens e mulheres, poderemos falar em igualdade de oportunidades.

No texto, "El Movimiento Feminista y su Impacto", Lucía Tosi apresentou críticas à forma como os partidos de esquerda pensavam sobre as políticas feministas, apontando como a centralidade da classe social por vezes não resolvia questões atreladas a outros demarcadores sociais, especificamente o de gênero. Além disso, criticou a forma como os países da América Latina estereotipavam o movimento feminista de países desenvolvidos como sendo uma luta extremamente burguesa e de mulheres ociosas:

Em certos meios "progressistas" da América Latina se considera o feminismo como uma excentricidade dos países ricos, uma forma de ocupação de mulheres ociosas e semineuróticas. Se diz também que os grupos feministas representam uma pequena proporção da população feminina desses países e que em geral, estão divididos, o que os torna menos eficazes. Se argumenta ainda que essa eficácia é enfraquecida pela ausência de uma linha política definida (Tosi, 1975a, p. 1).

Lucía Tosi concentrou-se em tecer críticas a cada um desses estereótipos. Primeiramente, afirmou que o movimento feminista de países como EUA e França se concentram em grupos de mulheres que em sua maioria são da classe média ou da classe trabalhadora, apontando ser errôneo rotulá-las como ociosas, visto que muitas desempenhavam duplas jornadas de trabalho, conciliando carreira profissional e serviço doméstico (Tosi, 1975a).

Quanto a ser um movimento sem grande aderência da população feminina e com diversas vertentes e divisões, a autora argumentou que, apesar da veracidade dessa afirmação, ela não significava muito, pois mesmo em pequenos grupos, as mulheres feministas vinham conseguindo alcançar seus objetivos e, mesmo divididas, possuíam lutas em comum. Lucía citou como exemplo a aprovação da Lei do Aborto na França,³ em 1975, sendo, segundo a autora, uma conquista do trabalho desempenhado por diversos grupos feministas nos dois anos que antecedem a aprovação da lei.

Lucía utilizou esse exemplo, para defender que o movimento feminista não precisava necessariamente estar alinhado a nenhum partido político, como ressalta o trecho a seguir:

A aprovação da lei sobre a interrupção voluntária da gravidez na França é um exemplo ilustrativo disto. De acordo com a opinião generalizada este tipo de lei só poderia ser aprovado depois que triunfasse um governo de união da esquerda. Se considera que a sociedade francesa é em demasiado tradicionalista, e que jamais, agendas consideradas drásticas poderiam ser realizadas, estando no poder um governo de centro-direita. Por outro lado, a alta hierarquia católica estaria disposta a queimar todas as suas baterias e usar todos os meios de pressão ao seu alcance para impedir que em um país católico se promulgasse esse tipo de lei, o que criaria um precedente perigoso. [...] A razão para isso reside, possivelmente, em que seu alcance (dos grupos feministas) é maior por não estar ligado a nenhuma estrutura de poder e a nenhum partido político (Tosi, 1975a, p. 1-2, tradução nossa).⁴

³ Em 24 de novembro de 1974, Simone Veil, então ministra da Saúde, discursou na Assembleia Nacional francesa colocando em votação a legalização do aborto, que naquela época obrigava cerca de 300 mil mulheres a procurarem saídas clandestinas, humilhantes e perigosas para interromper a gravidez indesejada. A lei “Veil” que descriminaliza a interrupção de gravidez na França foi finalmente promulgada o 17 de janeiro de 1975 para 5 anos e o 31 de dezembro de 1979 a lei se tornou definitiva.

⁴ Traduzido de: “La aprobación de la ley sobre la interrupción voluntaria del embarazo en Francia es un ejemplo ilustrativo de ello. Según la opinión generalizada, este tipo de ley sólo podía aprobarse después de que hubiera triunfado un gobierno de unidad de izquierda. Se considera que la sociedad francesa es demasiado tradicionalista, y que agendas consideradas drásticas nunca podrían llevarse a cabo, con un gobierno de centro-derecha en el poder. Por otro lado, la alta jerarquía católica estaría dispuesta a quemarse las pilas y utilizar todos los medios de presión a su alcance para impedir que este tipo de leyes se promulguen en un país católico, lo

Segundo Lucía Tosi, apesar de minoritários e não serem associados diretamente a nenhum partido político, esses grupos feministas franceses conseguiram conscientizar mulheres de diversas camadas sociais, assim como mobilizar a opinião pública e classe média a ponto de incitar o governo a propor à câmara um projeto de lei desenvolvido por Simone Veil,⁵ a quem Tosi tece elogios. Tosi também acreditava que tal lei não teria sido aprovada se fosse proposta por um partido de esquerda visto que eram minoria na câmara (Tosi, 1975a).

Ainda com relação à desvinculação dos movimentos feministas aos partidos políticos, de acordo com Tosi, de um lado os partidos de direita se aborreciam por acreditarem que esses grupos tinham a intencionalidade de destruir os valores morais da sociedade burguesa e da família – posicionamento sobre o qual, ironicamente, Tosi (1975a) afirmou que eles tinham razão. Por outro lado, os partidos de esquerda não priorizavam as lutas femininas e acreditavam que toda pauta específica das mulheres poderia criar um conflito entre ambos os sexos da classe trabalhadora, crença que foi criticada por Tosi nos seguintes termos:

Os partidos de esquerda [...] não consideram que o movimento feminista seria capaz de criar contradições que impliquem num impulso revolucionário. Não percebem que as mulheres constituem um pilar em que se apoia a sociedade burguesa e que são necessariamente elas que podem causar mudança em profundidade (Tosi, 1975, p. 2, tradução nossa).⁶

Assim, Tosi observou que eram os partidos políticos que tendiam a ignorar a luta das mulheres, mas que isso não se configurava como um empecilho, visto que abriu margem para maior liberdade de ação por não estarem vinculadas a nenhuma “ideologia esterilizante”. Quanto a isso, no próprio *Grupo Latinoamericano de mujeres en Paris*, tal questão foi

que crearía un precedente peligroso. [...] La razón de esto posiblemente sea que su alcance (de grupos feministas) es mayor porque no están vinculados a ninguna estructura de poder ni a ningún partido político”.

⁵ Simone Veil foi uma política francesa, conhecida pelo fato de enquanto Ministra de a Saúde ter defendido, em 1974, um projeto de lei que despenalizou a interrupção voluntária da gravidez em França. Foi também a primeira mulher a presidir ao Parlamento Europeu.

⁶ Traduzido de: “Los partidos de izquierda [...] no consideran que el movimiento feminista sea capaz de crear contradicciones que impliquen un impulso revolucionario. No se dan cuenta de que las mujeres constituyen un pilar sobre el que descansa la sociedad burguesa y que necesariamente son ellas las que pueden producir cambios profundos.”

enfrentada, já que muitos dos homens exilados, muitos militantes de partidos da esquerda brasileira, questionaram a necessidade de formação do grupo e até desaprovaram, não permitindo que suas esposas e filhas compusessem o grupo (Tosi, 1975a).

Nesse sentido, partidos de esquerda como o próprio PCB, custaram a incluir as pautas feministas como demanda política a ser considerada. As mulheres que atuavam no partido costumavam ser vistas como “operárias” e a desenvolver trabalhos secundários (Blay, 2019). Mesmo após reivindicações, as pautas das mulheres eram vistas como sendo de menor importância ou periféricas e a sua emancipação como uma consequência do fim da estrutura de classe.

Outro ponto de interesse de Lucía Tosi parece ter sido a participação das mulheres na atividade econômica. No texto “La participación de la Mujer em la Actividad Económica” publicado nos números 16/17/18, de 1975, a autora analisou a importância que a participação das mulheres na força de trabalho desempenhava no processo de libertação das mulheres, mas percebia que mesmo em países com uma legislação avançada em inúmeras agendas que favoreciam as mulheres, como era o caso da Suécia, isso não significava igualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho (Tosi, 1975b).

Ao analisar a situação da América Latina, Tosi apresentou estatísticas que demonstram o crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho. No entanto, defendia ser incoerente comparar essa expressividade de participação com o que vinha acontecendo nos países desenvolvidos, já que essas estatísticas eram endossadas por muitas mulheres que desempenhavam atividades consideradas desqualificadas, como o trabalho doméstico em domicílios, enquanto nos países desenvolvidos, a ascensão das mulheres na atividade econômica avançava em outros caminhos e atividades desse tipo vinham diminuindo (Tosi, 1975b).

Lucía Tosi (1975b) questionou o status do trabalho doméstico como uma atividade desqualificada, afirmando que tal noção era oriunda de uma ideia hegemônica e machista de atividade econômica. Lucía criticou ainda o fato da atividade doméstica no próprio lar não ser levada em conta enquanto atividade econômica e percebeu que a maior parte das mulheres incluídas como contribuintes da economia latino-americana eram solteiras, possuíam

um elevado nível de escolaridade e não tinham filhos, mas ainda assim desempenhavam funções muito inferiores às dos homens.

No fim, Tosi (1975b) ponderou que “um movimento feminista pode tomar grandes proporções de impacto” defendendo que “na América Latina, onde a experiência doutrinária tem sido múltipla e de êxito duvidoso, quando não um fracasso completo, a necessidade de criar algo novo é imperiosa”. Em vista disso, propôs pelo menos dois argumentos para a criação de grupos feministas na América Latina: 1 – Apesar de alguns países já adotarem um certo “modernismo” na legislação, o tradicional machismo ainda mantinha as mulheres em “estado de servidora”; 2 – A crescente urbanização dos países latino-americanos permitia que grande parte da população feminina estivesse em condições de ser mobilizada.

Considerações finais

Diante do exposto, discutimos a atuação de Lucía Tosi no *Grupo Latinoamericano de Mujeres em Paris* a partir de alguns textos de sua autoria publicados no boletim *Nosotras*, destacando seu olhar sobre as relações de gênero, ciência e política, no contexto do exílio em decorrência da Ditadura Militar no Brasil. Percebemos que a Lucía Tosi se configura como um excelente exemplo do que chamamos de “evasão de cérebros silenciada”. Diante da relevância de suas publicações, de seu ativismo político e do cargo acadêmico que ocupou na França, a ausência de fontes e a desinformação sobre a história de Lucía por seus pares, evidencia a negligência e ofuscamento da história do Brasil e, mais especificamente, das memórias do exílio, ao recorte de gênero.

É no exílio que muitas mulheres silenciadas pela historiografia começaram a compreender as nuances das relações de gênero e como tais aspectos as atingiam enquanto mulheres latino-americanas. Todavia, para “nosotras”, além dos debates intrínsecos à agenda feminista internacional, havia uma luta que demandava maior urgência, a luta pela democracia. O *Grupo Latinoamericano de Mujeres en Paris*, o Comitê da Mulher Brasileira, o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris, a *Asociación Madres de la Plaza de Mayo* e o Movimento das Mulheres pela Anistia são apenas alguns exemplos da eclosão de movimentos e organizações de mulheres que, dentro ou fora

de casa, na sua pátria ou distante dela, por si ou pelas outras, ecoaram que nenhuma de “nosotras” estaria sozinha. Elas lutaram, e algumas ainda lutam, pela democracia com um grito de “Nunca Mais” ensurdecedor na garganta.

Por meio das publicações de Lucía Tosi no periódico *Nosotras*, percebemos que ela possuía grandes aspirações no que se refere a inaugurar uma agenda de luta feminista na América Latina. A autora problematiza a forma como o feminismo vinha sendo pensado até então no contexto político latino-americano, lançando argumentos para desmistificar os mais variados estereótipos. Aqui, merece menção a valorização, um tanto controversa, de Lucía Tosi à desvinculação do movimento feminista aos partidos políticos, apesar de propor uma linha argumentativa contundente.

No boletim *Nosotras*, Lucía Tosi deu os primeiros passos para inaugurar as pesquisas sobre gênero e ciências no cenário brasileiro e latino-americano. Em seus textos, com linguagem acessível, ela mostrou como o machismo, a misoginia e o patriarcado usam a ciência como instrumento de controle e dominação das mulheres, tornando-as dependentes desse sistema. Vale lembrar que o Boletim *Nosotras* não era direcionado para um público especializado, ressaltando ainda mais o trabalho da Lucía como ativista e divulgadora da ciência. Seus textos, que sempre apresentavam referências contundentes, eram instrumentos capazes de desmistificar os lugares que a ciência misógina atribuía às mulheres.

Agradecimentos

Agradecemos a André Tosi Furtado e Mario Tosi Furtado pela contribuição com a pesquisa. Aos professores Heloísa Beraldo e Carlos Alberto Filgueiras pela colaboração. Ao Centro Informação Mulher (CIM) pela disponibilidade de acesso aos arquivos do periódico *Nosotras*. Ao CNPq pelo financiamento por meio do Projeto Universal “História da ciência e tecnologia no Brasil - 1945-2000”.

Referências

ABREU, M. **Feminismo no Exílio:** o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris e O Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2010. p. 245

ABREU, M. Nosotras: feminismo latino-americano em Paris. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 2, 2013. p. 553-572

AZEVEDO, T. **A evasão de talentos: desafio das desigualdades**. Paz e Terra, 1968.

BARAN, E. J. Lucía Tosi: científica, historiadora de la ciencia y feminista (homenaje en el centenario de su nacimiento ya los diez años de su fallecimiento). *Anales Acad. Nac. de Cs. Ex., Fís. y Nat.*, **Tomo 69**, 2017.

BERALDO, H. Lucia Tosi: Scientist, Science Historian and Feminist. **Revista Virtual de Química**, v. 6, n. 2, 2014. p. 551-570

BLAY, E.; AVELAR, L. **50 anos de feminismo: Argentina, Brasil e Chile**. edUSP, 2019.

BLAY, E. Como mulheres se constituíram como agentes políticas e democráticas: o caso brasileiro. In: BLAY, Eva; AVELAR, Lúcia. **50 anos de feminismo: Argentina, Brasil e Chile**. EDUSP, 2019.

CLEMENTE, J. E. F. **Ciência e política durante a ditadura militar (1964-1979): o caso da comunidade brasileira de físicos**, 2005. 237 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Instituto de Física, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

COSTA, A. et al. **Memórias das mulheres do exílio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 2, 1980.

COSTA, A. O feminismo brasileiro em tempos de Ditadura Militar. **Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Mulheres, 2010.

DOSSE, F. **A saga dos intelectuais franceses (1944-1989)**. Volume I: À prova de história (1944-1968). Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2021.

FERNÁNDEZ, J. C. Do brain drain ao exílio: apontamentos sobre emigração e radicalização política na Argentina, de Onganía a Isabel, 1966-1976. **Revista História: Debates e Tendências**, v. 19, n. 3, 2019. p. 402-419.

FREIRE, JR, O. Sobre a relação entre regimes políticos e desenvolvimento científico: apontamentos para um estudo sobre a história da C&T durante o regime militar brasileiro. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, v. 4, n. 3, 2007. p.1-11

FREIRE JR, O.; VIDEIRA, A.; RIBEIRO FILHO, A. Ciência e política durante o regime militar (1964-1984): a percepção dos físicos brasileiros. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 4, n. 3, 2009. p. 479-485.

FURTADO, M. T. Lucía Tosi: A mulher e a história da ciência. London: Novas Edições Acadêmicas, 2014. p. 307.

GASPARI, E. **A ditadura escancarada**. Editora Intrínseca, 2014.

LIMA E SOUZA, A. M. F. Sobre gênero e ciência: tensões, avanços, desafios. **Gênero, Mulheres e Feminismos**. Salvador: EDUFBA/NEIM, 2011.

LOPES, M. M. Sobre convenções em torno de argumentos de autoridade. **Cadernos pagu**, p. 35-61, 2006.

MELO, H. P. Lucia Piave Tosi (1917 - 2007). **Pioneiras da Ciência no Brasil** - 3ª Edição, 2014. Disponível em: < <http://memoria2.cnpq.br/web/guest/pioneiras-da-ciencia-do-brasil3> > acesso em: 21 de jan. de 2021.

MOTTA, R. P. S. **As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2014.

PEDRO, J. M.; WOLFF, Cristina Scheibe. Nosotras e o Círculo de Mulheres Brasileiras: feminismo tropical em Paris. **ArtCultura**, v. 9, n. 14, 2007.

PICQ, F. Sobre o movimento das mulheres na França. **Estudos Feministas**, 1994.p. 25-30

ROSA, S. O. “Nosotras” e invenção de novos espaços-tempos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, XXVI. 2001, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2001.

SANTOS, A.P.; TOSI, L. Resgatando Metis: O que foi feito desse saber? **Revista Estudos Feministas**, n.2, 1996. p. 355-380.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, Heloísa Murgel. Brasil: uma biografia: com novo pós-escrita. Editora Companhia das Letras, 2015.

TOSI, L. El Sexo cuyo talento es malbaratado. **Boletim Nosotras**, v.4, 1974a. p. 1-2.

TOSI, L. La vocación ‘natural’ de la mujer. **Boletim Nosotras**, v.6, 1974b.p. 1-3.

TOSI, L. El Movimiento Feminista y su Impacto. **Boletim Nosotras**, v.15, 1975a. p. 1-2.

TOSI, L. La participación de la Mujer em la Actividad Económica. **Boletim Nosotras**, v.16/17/18, 1975b. p. 7-10.

TOSI, L. La creatividad feminina en la ciencia. **Impacto, Ciencia y Sociedad**, 1975. p. 127-131.

TOSI, L. Cripto-domésticas, interlocutoras inteligentes ou criadoras? **Ensaio de Opinião**, 1979. p. 11-14.

TOSI, L. A mulher brasileira, a universidade e a pesquisa científica. **Ciência e Cultura**, 1981. p. 167-177.

TOSI, L. Caça às bruxas: o saber das mulheres como obra do diabo. **Ciências Hoje**, v. 4 n. 20, 1985. p. 167-177.

TOSI, L. As mulheres e a ciência: sábias, bruxas ou sabichonas? **Impressões**, 1987. p. 1-9.

TOSI, L. Marie Meurdrac, Química Paracelsiana e Feminista do Século XVII. **Química Nova**, n. 19, 1996. p. 440 -444.

TOSI, L. Mulher e Ciência: a revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna. **Cadernos Pagu**, v.10, 1998. p.369-397.

VIEIRA, C. L.; VIDEIRA, A. História e historiografia da física no Brasil. **Fênix-Revista de História e Estudos Culturais**, v. 4, n. 3, 2007.p. 1-27.